



# ANÁLISE DOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS<sup>1</sup>



**N**a Separata nº 27, correspondendo ao período de Jan/Mar de 2009, demos conta da razão de ser da pesquisa sobre a percepção e a consequente representação social que crianças a frequentar escolas de 1º CEB<sup>2</sup> da rede pública da cidade de Lisboa e de mais 6 concelhos da área da Grande Lisboa (Amadora, Cascais, Loures, Odivelas, Oeiras e Sintra) têm sobre as suas condições de vida, as suas práticas lúdicas, as suas rotinas de vida... Tentámos analisar as informações dadas pelas crianças sobre o seu microsistema (Bronfenbrenner, 1979). Este trabalho é uma prova de que é possível realizar “investigação quantitativa de larga escala” (Scott, 2005:97) com as crianças.

Esta percepção e representação social está relacionada com a actividade simbólica que resulta da elaboração mental a partir da vivência

do real, os dados foram trabalhados sabendo que esta elaboração mental constitui um sistema de interpretação sobre a realidade vivida pelas crianças e que esta tem uma função de organização significativa do real (Moscovici, 1976).

Nesta separata vamos, sucintamente, apresentar alguns resultados que advêm da análise estatística descritiva. Recolhemos, organizamos e tratamos os dados com vista a descrever e interpretar “factos” relativos ao conjunto observado. Damos conta dos dados respeitantes a: agregado familiar das crianças, escolaridade, saúde e habitação. Analisamos os pontos de vista das muitas crianças que participaram, ou seja, “Os mapas sociais das crianças que são produto e causa do comportamento e desenvolvimento” (Garbarino, 1993). É importante e fundamental referir que as crianças que colaboraram nesta pesquisa fizeram-no porque o quiseram, sabendo o que se pretendia (consen-

timento informado), ou seja, foi tido em conta segundo Alderson (1995) a perspectiva ética de que as crianças são capazes de escolher se querem ou não participar. Tendo tido também autorização dos seus responsáveis<sup>3</sup>.

A amostra é constituída por 5160 crianças de ambos os sexos<sup>4</sup>, com idades compreendidas entre os 7 e os 15 anos, a frequentar os 3º e 4º anos de escolaridade das 338 escolas do 1º CEB, a que correspondem 95 agrupamentos escolares que aceitaram colaborar connosco. Só 76 escolas não aderiram.

Tendo em conta apenas as idades das crianças, constatamos que 90,3% se encontram no grupo etário dos 7 aos 10 anos (correspondendo a 45,1% do sexo feminino e a 45,3% do sexo masculino), o que em termos do objectivo da pesquisa foi muito bom, conseguimos uma amostra equilibrada e com validade estatística. Quanto aos mais velhos (dos 11 aos 15 anos), temos 9,7% (4,4% do sexo feminino e 5,2% do sexo masculino).

Foram postas várias questões às crianças sobre as suas famílias. Das respostas dadas, num universo de 5160, responderam 5111. Ficámos a saber que:

- a grande maioria vive com ambos os pais (70,7%);
- em famílias monoparentais temos 17,2%, sendo que destas 1,7% correspondem a famílias monoparentais masculinas;
- 6,9% das crianças vivem com famílias reconstruídas, sendo 5,9% com mãe e padrasto;
- 4,7% vive com outros familiares e 0,5% com outras pessoas (tendo em conta o instrumento utilizado<sup>5</sup> não nos foi possível saber a sua identidade, nem relação).



	Não sabe sabe ler/escrever	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Secundário	Curso	
Superior	Total						
RF	2,7	24,1	16,9	22,9	19,7	13,7	100
RM	1,5	25,4	18,2	21,7	20,6	12,7	100

QUADRO 1 - NÍVEIS DE ESCOLARIDADE DOS RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS (%)

Pela leitura do Quadro 1, verifica-se que a grande maioria dos responsáveis pelas crianças fica pelo ensino básico obrigatório, perfazendo para os RF 63,9% (correspondendo ao 1º, 2º e 3º ciclos) e para os RM 65,3% (correspondendo ao 1º, 2º e 3º ciclos). Quanto ao ensino superior, verifica-se que são as RF que estão em maior percentagem (F=592 sujeitos e M=494 sujeitos).

Se tivermos em conta o grupo etário, são os responsáveis das crianças mais novas (7 aos 10 anos) que possuem níveis de escolaridade mais altos, ou seja, com mais de 13 anos de escolaridade, temos para as meninas 17,5% e para os meninos, 18,0%. Quanto ao grupo etário e o sexo das crianças, 44,0% dos responsáveis por estas têm até 9 anos de escolaridade. Assim, podemos concluir que são bastante baixos os níveis de escolaridade dos responsáveis pelas crianças. Este facto vai reflectir-se nas pro-

fissões<sup>6</sup> dos mesmos. Relativamente às mulheres, estas pertencem, fundamentalmente, ao Pessoal Administrativo e de Serviços (35,7%), Trabalhadoras Não Qualificadas com 27,9% e apenas 6,9% são Quadros Superiores e Especialistas de Profissões Intelectuais e Científicas.

Quanto aos RM, temos em primeiro lugar Operários e Agricultores com 28,8%, Pessoal Administrativo e de Serviços com 25,9% e como Quadros Superiores apenas 8,2%.

Também verificamos que 34,5% das crianças são consideradas "carentiadas"<sup>7</sup> num universo de 4805. Estes dados resultam de informações fornecidas pelas escolas e que constam dos registos existentes. No entanto, pelas informações fornecidas pelas próprias crianças, chegamos à conclusão de que estes dados não correspondem à realidade. De facto, há crianças que efectivamente são carentiadas (não têm refeições con-

dignas nos seus lares, nem apoios de saúde, por exemplo), mas em termos oficiais não é possível considerá-las carentiadas, devido às exigências legais na entrega de documentos que muitas vezes é impossível comprovar.

Quanto a saber o número de crianças na fratria, a maioria (44,8%) refere ter 1 irmão, seguido de 2 irmãos (21,1%), com 3 ou mais irmãos temos 19,8% de crianças e filhos únicos temos 14,3%.

## PERCEÇÃO PERANTE A SITUAÇÃO ECONÓMICA DOS RESPONSÁVEIS

Quanto à percepção que estas crianças têm sobre a situação dos seus responsáveis perante o trabalho, as respostas indicam dados positivos. Ou seja, a grande maioria, independentemente do grupo etário e do sexo, referem que os seus responsáveis tiveram trabalho no último ano, como se verifica no Quadro 2.



		F7/10anos	M7/10anos	F11/15anos	M11/15anos	Total
RF	Sim	84,7	84,7	77,4	78,1	84,0
	Não	15,3	15,3	22,6	21,9	16,0
	Total	100	100	100	100	100
RM	Sim	90,7	92,1	86,2	83,4	90,8
	Não	9,3	7,9	13,8	16,6	9,2
	Total	100	100	100	100	100

QUADRO 2 – RESPONSÁVEIS A TRABALHAR NO ÚLTIMO ANO POR GRUPO ETÁRIO E POR SEXO (%)

Também quisemos saber se as crianças consideravam se os seus responsáveis tinham ou não dificuldades em pagar as contas. As respostas indicam que, relativamente ao grupo das crianças mais novas (7 aos 10 anos), 45,8% refere que sim e 54,2% refere que não há dificuldades em pagar as despesas domésticas. Quanto ao grupo dos mais velhos (11 aos 15 anos), 51,3% refere que há dificuldades e 48,7% refere que não há dificuldades. Mas, ao analisarmos as respostas em função do grupo etário e do sexo de todas as crianças, são os meninos mais velhos (11 aos 15 anos) que referem que há dificuldades em pagar as despesas, com 52,6% de respostas positivas.

Quanto ao espaço doméstico, as suas casas e aceitando como princípio “o conceito de casa estar intimamente ligado com o conceito de família” (Garbarino, 1993:8), as res-

postas das crianças que responderam à questão sobre a casa onde vivem (N=5113) indicam que a grande maioria (68,5%) vive em apartamentos, 19,2% em vivendas<sup>8</sup>, 10,2% vivem em casas situadas em bairros de re-alojamento e há ainda 106 crianças (2,1%) que vivem em barracas.

Muitas das crianças (N=4897) referem participar activamente nas tarefas domésticas, como colaborar na limpeza e na arrumação da casa (90,0% de referências), preparar as refeições (38,0%), cuidar dos irmãos (29,0%) e apoiar na profissão dos pais (10,4%). Quanto a esta última resposta, a pesquisa não permitiu verificar se estes apoios são em termos de colaboração/aprendizagem/con-vívio ou se são alvo de exploração. A limpeza e arrumação da casa é o item que é mais referido, independentemente do sexo e do grupo etário.

Entre os vários bens existentes nos

lares, os 4 mais referidos são: o telemóvel (93,8%), seguido de DVD (83,1%), de TV/vídeo (78,3%) e a última referência é o computador (67,8%).

Quanto às questões relacionadas com a saúde (por exemplo em termos de acompanhamento médico regular – saúde infantil –, saúde oral, higiene corporal...), os dados obtidos indicam que a grande maioria das crianças (60,7%) só vai ao médico quando está doente. Este dado pode indicar a inexistência de um acompanhamento regular em termos da saúde infantil, que não corresponde ao seguido pela Organização Mundial de Saúde, que saúde é não estar doente. É importante salientar também, de acordo com as respostas dadas pelas crianças, que a não ida regular ao médico verifica-se em qualquer grupo etário e é independente do sexo da criança e do tipo de agregado familiar a que pertence.

Quanto à saúde oral, a análise dos dados indica que apenas 16,8% não lava diariamente os dentes. Mas, em contrapartida, mais de metade (75,6% em N=5133) já foi ao dentista. Todavia, os dados não nos permitem saber se esta ida é regular, e portanto em termos de prevenção, ou se é apenas quando se verificou um mal estar.

Relativamente à higiene corporal, o banho diário parece estar relacionado com os níveis sócio-económicos dos responsáveis pelas crianças, pois são as crianças dos níveis mais elevados que referem fazê-lo com mais frequência.

Comer fora de casa é muito comum, sendo o lanche a refeição mais frequente para todas as crianças. Ter comida em casa quando têm fome, só não é referido por 2,4% das crianças, a que correspondem 123 crianças num universo de 5146.

Quanto às roupas que vestem, referem gostar delas, embora 39,5% afirmem que gostariam de ter roupas melhores.







A grande maioria das crianças, independentemente do sexo e do grupo etário a que pertencem, frequentou o jardim de infância (num total de 82,3%, num universo de 5127 crianças). Apesar de ter havido uma grande frequência de jardim de infância, há 13,7% de crianças do grupo das crianças mais novas (7 aos 10 anos) que já têm uma repetência na escola do 1º ciclo, o que indica que não há trabalho de prevenção logo no início da escolaridade.

Quanto ao grupo etário das crianças mais velhas (11 aos 15 anos), há 35,9% de crianças com 1 repetência, com 2 temos 37,8% e com 3 ou mais repetências temos 12,9%.

São as mães/RF das crianças (54,7%), independentemente do seu nível sócio-económico e nível de escolaridade, que mais ajudam as crianças a fazer os trabalhos que a escola indica para serem feitos em casa, seguido pelos pais/RM das crianças (27,9%), existindo 12,8% das crianças que não têm qualquer apoio em casa.

Apenas 2,4% (N=123) das crianças referem não gostar da escola. Dos espaços da escola, aquele que é o preferido é o recreio (50,1%), seguido da sala de aula (30,2%), a biblioteca tem 18,7% de referências, tendo o refeitório só 1,1%.

Há 50 crianças, num universo de 5150, que afirmam não gos-

tar de aprender. No entanto, perante a percepção que têm sobre a opinião dos pais/responsáveis sobre se gostam que a criança estude, apenas 15 crianças (0,3%), num universo de 5055 crianças, referem que estes não gostam que elas estudem.

De toda esta pesquisa podemos concluir que a grande maioria das crianças vive com os pais biológicos, têm uma percepção positiva sobre a situação económica das suas famílias, têm sobretudo apoio das suas mães, têm sucesso escolar e sentem-se felizes com a vida que têm.

MARIA JOÃO MALHO  
CEDI-CENTRO DE ESTUDOS

## NOTAS

<sup>1</sup> Pesquisa realizada em parceria entre o Instituto de Apoio à Criança, Instituto Superior de Economia e Gestão, Faculdade de Motricidade Humana e Direcção Regional de Educação de Lisboa para o qual foi assinado um Acordo de Cooperação conjunto.

<sup>2</sup> CEB, ciclo do ensino básico.

<sup>3</sup> Responsáveis nesta pesquisa significa pais biológicos, companheiros do pai e da mãe, avós, outras pessoas que nos registos da escola são dados como responsáveis pela criança.

<sup>4</sup> Nesta pesquisa foi utilizada a variável biológica sexo. Assim, para meninos temos M, para as meninas temos F.

<sup>5</sup> Inquérito por questionário de resposta fechada.

<sup>6</sup> Neste trabalho utilizamos a Classificação Nacional de Profissões do Instituto Nacional de Estatística.

<sup>7</sup> "Carenciadas" são as crianças que recebem ASE – Acção Social Escolar, ou seja, são apoios financeiros para as refeições, livros, outro material escolar e transporte. Para a sua obtenção é necessário apresentar documentos comprovativos, como recibos de ordenado, IRS...

<sup>8</sup> Vivendas, nesta pesquisa e por consenso entre a equipa de investigação considerou-se todas as habitações térreas. Sendo discutível esta tomada de decisão, ela teve em conta os "falares" das crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alderson, P. (1995). *Listening to Children: Children, Ethics and Social Research*, Barkingside: Barnardo's.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge: Harvard University Press.

Garbarino, J. (1993). *Childhood: what do we need to know?* in *Childhood* 1(3): -10. (Downloaded from <http://child.sagepub.com>) 03/08/09

Moscovici (1976). *La Psychanalyse, son Image, son Public*, (doc. fotocopiado).

Scott, J. (2005). *Crianças enquanto Inquiridas – O Desafio dos Métodos Quantitativos in Investigação com Crianças Perspectivas e Práticas*, Pia Christensen & Allison James (org), edit. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto (97-121)

